

R o m a i n R o l l a n d

«...estive sempre em marcha, e espero só parar na morte.»

ROMAIN ROLLAND

Raras vezes como em Romain Rolland poderá encontrar-se uma tão profunda identidade entre um homem e a sua época. E' ele mesmo quem o descobre ao afirmarmos, no prólogo aos «*Quinze anos de combate*»: «O eu de que vos conto a evolução não me pertence; é o do nosso tempo». De facto, a sua evolução marca perfeitamente a evolução da mentalidade europeia do fim do século XIX e do começo do século XX; di-lo a sua obra numa primeira impressão, que mais se enraíza após uma leitura atenta. Di-lo a sua obra porque vida e obra se enlaçam num só corpo; pensamento e acção são para Romain Rolland inseparáveis, relação defendida nesta magnífica síntese: «todo o pensamento que não age ou é um aborto ou uma tração». E é de tal modo sanguínea a relação entre a vida do artista e a sua obra—«escrever, para mim, é respirar, é viver»—que esta é a melhor biografia e aquela a melhor obra e o melhor exemplo.

Romain Rolland nasceu, a 29 de Janeiro de 1866, na Borgonha, em Clamecy, uma pequena cidade tranquilamente debruçada nas águas dos canais, onde se reflecte uma vida calma. A sua família pertence à pequena burguezia: o pai é duma dessas famílias que amassaram a Revolução de 89 com o seu sangue; a mãe descendente duma família de jansenistas, de quem herda o espirito investigador de Port-Royal. Na vida do homem reflectir-se-ão sempre a calma tranqüilla dos canais de Clamecy; de seus pais herdará o amor da liberdade e o amor cristão pelos semelhantes, que se unirão numa síntese admirável.

E' a mãe, fina sensibilidade de artista, quem inicia, ainda na primeira infância, a sua educação musical. Encontrando, por acaso, em sua casa, um album de música alemã, em breve a música de Beethoven e Mozart enche toda a sua alma de criança. E' também nesta altura que encontra Shakespeare e a poesia toma, ao lado da música, um lugar no seu amor.

Estes encontros, que noutros casos seriam fortuitos, têm na vida de Romain Rolland uma

presença continua: é a música de Beethoven e de Mozart que lhe ensina a amar e a compreender a alma alemã e gera no seu espirito a criação do admirável Jean Christophe, músico alemão.

Wagner é para Rolland a união das suas duas artes, a música e a poesia e, por isso, se torna um dos seus companheiros de caminho. A sugestão de Wagner, criador do drama lírico musical, é tão forte que uma das suas primeiras tentativas no campo artístico foi a composição de temas melódicos, baseada no ciclo das lendas francesas.

Vai para Paris, onde frequenta o liceu. E' então que toma contacto com Tolstoi, outro dos seus mestres, que nesta altura influenciava toda uma juventude europeia. Num período de crise, provocado justamente por um livro de Tolstoi, «*Que devemos fazer?*», em que a música e arte são consideradas pura sensualidade, escreve ao apóstolo de Iasmaia-Poliana uma carta em que lhe transmite todo o seu sofrimento e angustiosa dúvida. A resposta inesperada de Tolstoi causa na sua alma um frémito de entusiasmo e tem uma influência decisiva na sua vida.

Estes amigos de sua infância e adolescência terão uma presença real em toda a sua existência guiando a sua acção e amparando as suas ideias.

Após um curso brilhante na Escola Normal vai como bolsista para Roma. Aí conhece a nobre alemã Malwida von Meysenburg, espirito inquieto que conhecera intimamente os grandes homens do século e para quem as línguas europeias não tinham segredos. E' amparado em Malwida Meysenburg que entra na idade viril e é então que compreende a história como uma disciplina viva.

De volta a França é nomeado professor de história da música, primeiro na Escola Normal e depois na Sorbonne. A sua tese sobre história da ópera e os estudos que publica sobre música antiga e moderna dão-lhe justo renome como musicólogo.

Intervém no caso Dreyfus chegando a representar-se uma peça sua, «*les loups*», apresentada por Jaurés e assistida por Zola, mas retira-se no fim quando o processo começa a tomar um ar de «foire sur la place».

«O teatro do povo» é uma iniciativa que toma pelo revigoramento do teatro e pela volta ao convívio do povo, mas

a sua tentativa é incompreendida.

Conhecendo de perto os intelectuais franceses, imediatamente o chocam e o afastam a venalidade, o pretenciosismo e o vazio destes. E' reagindo contra esta feira de vaidades que funda, com Péguy e Suares, seus amigos de infância, os «*Cadernos de Quinzena*», onde combate, pelo exemplo,

Novo encontro de Romain Rolland e a França

Quando se ergue perante nós, a figura de Romain Rolland comove-nos com a diversidade dos aspectos que a revestem. O músico, o historiador, o romancista, o dramaturgo, o crítico de arte, o ensaísta, o moralista, o político, o poeta—têm o seu lugar nesta prodigiosa actividade. A esta universalidade os mais esclarecidos juntam ainda o amigo infatigável, o correspondente fiel e generoso, o coração terno, facilmente emocionável, o conselheiro secreto de tantas almas sem norte, o espirito ao mesmo tempo o mais actual e o mais inactual de todos os espiritos vivos. A correspondência de Romain Rolland e os seus cadernos serão um dia o grande espelho da nossa época. Não viveremos o bastante para aproveitarmos esta revelação. Ela prepara aos nossos filhos uma surpresa patética. Eles verão reflectir-se aí o que o nosso mundo teve de mais alto e de mais baixo. Não há hoje individualidade marcante, ideia original, sistema novo que não tenham tido a oportunidade de se oferecer à atenção deste olhar azul, tão terno e tão imploroso. Cada um, por sua vez, terá imprimido o seu traço nesta consciência escaldante e glacial. E esta imagem, apenas deformada às vezes pela paixão, será produzida perante a história como um depoimento fulminante. Saber-se-á mais tarde que papel terá desempenhado o solitário de Villeneuve, nessa pequena casa—simples dependência de um edifício calcinado—onde ele vive. Os orientais costumam distinguir duas Europas, a nossa e «a de Romain Rolland». Procurando um árbitro para conflitos seculares entre duas repúblicas, os sul-americanos dirigiram-se a ele. Dizem-nos as pessoas viajadas que os li-

por uma cultura independente e por um espirito livre.

Isto é o que se lê em «Jean Christophe», esse extraordinário romance duma consciência e duma época, um dos mais vivos documentos sobre um mundo em ebulição.

«Jean Christophe» é a biografia dum jovem alemão, um músico de talento, que é obrigado a sair da Alemanha vin-

hos mais lidos na Europa central e oriental são os seus e que não há cidade, por mais pequena que seja, onde a sua obra não seja conhecida e discutida. Não se sabe o que deve prender-nos principalmente a atenção: se a devoção que de toda a parte se eleva por este homem, se o rude bom senso e a penetrante ironia com que ele sabe afastar os excessos e desencorajar o discípulo que se sente em cada admirador. Assim, este movimento, de que ele se tornou espontaneamente, involuntariamente o centro, revela um outro aspecto da sua personalidade, o menos freqüentemente discernido e citado e, contudo, o essencial talvez,—sendo aquele pelo qual ele reflecte a mais profunda angústia da nossa época.

Se eu dissesse que a guerra se inscreveu por um desvio brusco no desenvolvimento instintivo e espontâneo de Romain Rolland, todas as nossas recordações protestariam. Por que tudo fala de unidade neste edificio. Contudo, se eu procurasse explicar Romain Rolland como o faria um crítico literário, e como eu explicaria qualquer escritor cotado de França ou de Inglaterra, pelas próprias leis do seu desenvolvimento estético, sem atribuir ao choque moral da guerra uma importância de primeiro plano, eu negar-me-ia a mim mesmo a compreensão das formas e das direcções tomadas pela sua actividade. Digamos então que a sua pessoa oferecia uma superfície particularmente sensível a este choque. Antes de 1914, ele encarnava a maravilha a grande burguezia francesa liberal, a sua preocupação de alta cultura, a sua delicadeza, o seu calor, o seu afinamento, o seu amor da independência, o seu racional-

ismo apaixonado, o seu cristianismo tolerante. O idealismo de Romain Rolland apoiava-se sobre três pilares que são, fundamentalmente, os do pensamento laico francês do século XIX: *liberdade, honra, pátria*. Tratando-se dele, juntava a arte. Pela sua necessidade de liberdade unia-se aos esforços mais antigos desta burguezia, tais como se manifestavam sem interrupção, desde as Comunas da Idade Média até à Revolução de 1830 e ao caso Dreyfus. Pelo seu culto da honra, inscrevia-se na linhagem de Vigny e aceitava em herança o imenso capital do pessimismo que a agonia das religiões legava às almas elevadas. Patriota, era-o à maneira grande dos Enciclopedistas, dos Convencionistas, de Lamartine, de Michelet, de todos aqueles para quem a pátria foi o trampolim de onde se salta para a humanidade. Veio a guerra. Ela destruiu sucessivamente cada um dos quatro pilares—a pátria, a honra, a liberdade e a arte—e, destruindo-os, revelou a todos os olhos o que se tinha feito. A primeira não era mais do que um idolo ciumento, intolerante,—simples manito lançado sobre as combinações da política e da finança. A segunda era uma palavra sonora, graças à qual morriam estolicamente, face a face, por motivos análogos, os filhos de uma mesma civilização; uma força vazia, imóvel, sem eficácia contra o cinismo dum mundo governado pela lei do egoísmo. A terceira é apenas o resíduo de uma grande morte. Hoje assustadamente refugiada nalguns direitos políticos medíocres, e preguiçosos, ela não alimenta, sob os nomes de individualismo e liberalismo, mais do que uma espécie de anarquismo pequenoburguês, composto de medo,

Romain Rolland por J. R. BLOCH

desconfiança e de um retraimento resmungão perante as servidões necessárias. A quarta é uma mulher fácil que tanto dança para o herói, como para o tirano. Esta quádrupla fractura simbolizou a Romain Rolland numa grande obra, numa obra essencial: *Liluli*.

Em França, a hora heroica do combate pelo laicismo não é mais do que uma recordação. Continuando o jogo dos vexamesinhos quotidianos,—alimento da política de capelinha—católicos e livres pensadores deslizam, em companhia, até ao relaxamento intelectual e moral. A observância estrita acabou, num e noutro campo. Santo Afonso de Liguori não triunfa apenas na Igreja. O golpe que expulsou os últimos galicanos do clero, tem a sua exacta contrapartida na casa vizinha. Houve sempre, em França, uma corrente subterrânea de almas exigentes, corajosas, indomáveis, leais, um pouco sombrias. São a minoria. Mas a história francesa não se faz nem se compreende sem elas. O calvinismo, o jansenismo, o galicanismo, a Convenção, encontraram nelas as suas forças principais. Romain Rolland deu em certas partes de *Jean-Christophe* uma descrição duradoura dessas almas. Durante a guerra, esta elite moral encontrou o emprêgo das suas energias no sacrifício de que ela está sempre ávida. Foi ela que forneceu os mais belos exemplos das virtudes silenciosas, dos verdadeiros heroísmos, que evitam a ênfase e o romantismo, no front como na rectaguarda, na família como na cidade. Foi também esta elite a mais rudemente atingida pela morte, pelas novas condições da vida pela podridão do após-guerra. Dizimada,

Eis os dois caminhos da formação de Romain Rolland: um, Jean Christophe, ama a vida e a liberdade e o seu perfil tem a marca dos músicos alemães que tanta influência exerceram sobre o artista; o outro, Olivier, vem tocada de todo o amor cristão que Rolland recebeu de sua mãe e de Tolstoi. A última parte do livro é um documento vivo sobre a sociedade do seu tempo, e o seu nojo é tanto que Jean Christophe tem um único desejo: passar através da multidão para se refugiar no «sôno da arte». Jean Christophe acredita sinceramente na força do espirito e é pela força do seu império que se coloca «au dessus de la mêlée».

Rebenta a Guerra—Romain Rolland nega-se terminantemente a colaborar no que lhe parece um atentado contra a humanidade. Acusado de traidor, mal compreendido, mesmo pelos seus amigos de ontem, refugia-se na Suíça, donde apela para todos pela compreensão e pela paz. Seguem-se alguns intelectuais de vários países.

Em 1915 a sua obra, já bastante vasta,—publicára os 8 primeiros volumes de *Jean Christophe*, algumas biografias e obras de teatro—merece o Prémio Nobel.

Termina a guerra, 1919, e inicia-se uma nova fase na vida deste grande escritor: os intelectuais que haviam erigido um *Credo* nas forças do espirito encontram-se desamparados nas circunstâncias dessa data. «Viver, era preciso viver. Viver por todo o preço! Res-taurar-se-iam em seguida as razões de viver, os valores eternos!...». E' em Março de 1919 que Romain Rolland publica a célebre «*Declaração da Independência do espirito*» assinada por seiscentos intelectuais de vários países. Engana-se porém ao pensar que o papel dos intelectuais é o de manter aquela independência, o de guiar os exércitos, e é ainda ele quem mais tarde o denuncia: «ela não tardou a mostrar o seu vazio e a sua vaidade»; «esta independência era a do Pilatos, que lava as mãos do sangue do justo, ainda que injustamente condenado».

Em 1920 aparece «*Clerambault*», que é a recusa do espirito à fatalidade da violência—*O um contra todos* (primeiro título do livro—«a consciência livre que se sacrifica à sua liberdade».

Em 1922 aparece «*Clarté*» e «*L'art libre*». A propósito, diz hoje Romain Rolland: «Barbusse tem completamente razão quando denuncia o desinteresse dos chamados campeões da liberdade do espirito, pela realidade social»; e ainda, «B. podia ter-me respondido que a intervenção da violência não é mais do que um detalhe».

Por volta de—1922-27—toma contacto com o movimento

hindú e pensa adaptá-lo às condições europeias. Publica uma biografia de Gandhi e um outro volume, «*Jovem Índia*». Trava relações pessoais com Gandhi, Tagore e outros dirigentes do movimento nacionalista da Índia. Compreende-se facilmente a sedução que este movimento exerceu sobre Romain Rolland, se atendermos a que ele mantinha ainda uma confiança segura nas «forças espirituais», elemento primordial de resistência passiva, processo dos braços caídos, táctica aconselhada por Gandhi.

Entretanto Romain Rolland não perde contacto com as perspectivas europeias e pode afirmar-se que não existe manifestação de carácter humanista em que não intervenha.

Pouco a pouco as realidades do mundo impõem-se à sua maneira de ver, o que lhe permite escrever em 1935, em «*Quinze anos de combate*»: «Jamais direi o bastante da aversão que me inspira a idolatria do Espirito em abstracto, que o desenraiza do solo donde toma a vida, e ao mesmo tempo que dos riscos e das responsabilidades, o priva da seiva potente sem a qual não passa duma larva desgostante».

E' a sua vida de plena dedicação e amor do homem que lhe dita estas palavras: «E agora, quando olho atrás de mim a longa estrada dos meus setenta anos, vejo, com uma clareza de que não tinha consciência, o pensamento que foi sempre o meu guia durante esta peregrinação. O duplo pensamento fundamental: O primeiro é a comunhão com todos os vivos, o sentimento profundo e permanente da unidade do género humano através das idades, das raças e das nações. O segundo é a indivisibilidade do pensamento e da acção. Por mais penetrado que eu estivesse, desde a infância, das fontes da alma, da poesia e da música, nunca admiti o isolamento na contemplação e no orgulho da torre de marfim. Desprezo a arte pela arte e o pensamento enrolado em si como uma serpente que esmola a sua refeição. O pensamento é um rio que sai das entranhas da terra. Nunca as suas raízes serão mais profundas. Mas uma vez saído daí, o rio em marcha deve abrir o seu largo caminho através das planícies e dos montes, banhando e fecundando a terra. Todo o pensamento que não age ou é um aborto ou uma tração.»

Por volta de—1922-27—toma contacto com o movimento

JOAQUIM NAMORADO